

Alfredo Pimenta, como eu o conheci

Onde isso vai! Há-de haver perto de trinta anos, em Guimarães, na Madre de Deus, numa casinha de varanda ajanelada, — vejo o grande polemista, uma manta sobre os joelhos, oiço-lhe a voz, um nadinha alta, sublinhada por um riso bom, a narrar casos da vida e da História. Um conversador admirável. Falava como escrevia, em estilo cortado, cintilante de graça e de ironia rápida e deflagrada. Eu era um moço clérigo, professor de Latim e Grego, mas já com uns assomos pelas cumeadas da literatura, atrevido em recensões de livros que o Mestre lia com os olhos benévolos atribuindo-me méritos e promessas que o tempo deve ter amarfanhado. Um dia disse-me o seguinte: ... «Quando recém-formado em Direito viera para Lisboa ganhar a vida como professor, sentia-se muito isolado e desamparado, vendo cada qual fechado nos seus interesses.

Um dia, um sacerdote jesuita com quem trocara algumas palavras, perguntou-lhe em que estudos andava empenhado, que obra trazia entre mãos. Ninguém sabia que estímulo constituiu para ele tal pergunta! E depois sempre que o encontrava lhe perguntava pelos trabalhos literários...» A tantos anos de distância, Alfredo Pimenta lembrava-se e procedia em consonância, pois era francamente animador para quantos o contactavam com alguma febrícula literária. E é sobre a bondade deste homem que contrastava com o seu impulso polemístico, que eu gostaria de me alongar.

É certo que no seu lindo testamento ele pediu perdão aos seus inimigos de quanto os fez sofrer. De facto, com a pena na mão, mais de uma vez se viu assistido pelos espíritos de José Agostinho de Macedo e afixou a faquinha, como ele dizia, na fornalha do homem de S. Miguel de Seide. Nessas horas e diante dos linguados, Alfredo Pimenta zurzia a festo e a fundo oponentes que o agrediam ou não lhe reconheciam os méritos ou o citavam com algum desprimor assolapado. A graça iracunda de Alfredo Pimenta esvoava logo em folhetos rábidos, distribuindo «taponas» verbais sobre

encandeava-me as entendedeiras. Mas Alfredo Pimenta, ou porque tivesse percebido a minha inclinação, ou porque simplesmente me quisesse alertar contra a hidra, troçava e mofava dos versos mal entrouxados ou rascantes de prosa. Eu fui ouvindo e, alturas tantas, disse-lhe:—«Olhe, senhor Doutor, eu na próxima vez hei-de conver-indivíduos e corporações. Todavia, a graça e o fervor de estilo esmaeciam as catilinárias e o mal ferido saía, às vezes, alçapremado da escaramuça hilariante. E é que Alfredo Pimenta, contra o que pode parecer à primeira leitura, não era um homem de ódios. Ninguém mais fácil de dar a mão à palmatória, de se render a um gesto de compreensão. Contou-me um dia que até tinha pena de ser tão perdoador.»

Em certa altura tinha ele escrito umas prosas de teologia um tanto empenada e o seu Amigo P. Domingos Maurício disse-lhe que o ia rebater nas páginas da *Brotéria*. — Mas trate-me com respeito! — disse Alfredo Pimenta. E continuava:— «Ora! Deu-me uma tunda de caixão à cova! Eu estava que nem uma barata! Mas quê, o P. Maurício aparece-me na Torre do Tombo e enquanto eu examinava um manuscrito medieval, vem por trás e terça-me com um abraço, mostrando-se nada pesaroso da tunda que me dera. Não tive mais remédio, abracei-o, doído e queixumento, enquanto ele agrava a reprimenda, chovendo no molhado, e completando a crítica.»

Tivera também polémicas azedas com o P. Miguel de Oliveira. Um dia, ao chegar a sua casa, disse-me:—«Olhe, estava eu a aguçar a faquinha para atacar o Tomás da Fonseca que tolejou à larga sobre D. Afonso Henriques, quando recebo do meu particular amigo P. Miguel de Oliveira (não mandado por ele, está quedo!, mas por outra pessoa, um trabalho de mão cheia! O P. Miguel de Oliveira, cansado de malhar em mim, voltou-se para o Tomás da Fonseca e assentou-lhe as costuras de tal modo que o homem nunca mais cobra saúde! Sim, senhor, uma sova de mestre! Parece que endossou ao outro umas que já lá tem cá do rapaz!»

Como se vê reconhecia perícia ainda num inimigo literário. E os inimigos literários, dos quais os piores são eruditos, às vezes, são inimigos da boca para fora; lá por dentro, como andam sempre com a candeia das datas e das exactidões, vigiam-se e averbam os achados com pena de o parceiro os bifar em primeira mão!

Noutra ocasião, tomou-se de afogos e de iras contra Fernando Pessoa. Era, ao tempo, uma das suas *bêtes noires*. Eu torcia-me, porque andava ajuramentado ao modernismo e a poesia de Pessoa

tê-lo à poesia do Fernando Pessoa! Ficou atônito, a olhar para mim, a ver se era a sério e logo chamou a mulher e a filha, com grande espalhafato gaudioso, falando da tal conversão como de coisa redondamente impossível:—«A mim, o senhor Cardeal Cerejeira pôs-me no lugar de Lutero, agora este quiere converter-me ao Fernando Pessoa, isto é que é uma vida!»

Aludia à advertência que lhe fizera o senhor Cardeal de que um escrito seu sobre Pio XII ultrapassava as marcas da cortesia e do respeito. Com efeito, na seguinte visita, meti debaixo da véstia o volume de Fernando Pessoa ele-mesmo, como quem recata uma colubrina, e fui à Madre de Deus. Ele já me esperava com muito riso e numa expectativa irónica. Entrámos no assunto. Ele elogiou as quadras de Correia de Oliveira e demorou-se em Eugénio de Castro, poeta por quem sentia afecto imareado: classicismo, clareza, poesias com princípio meio e fim etc. Eu, então, saquei do voluminho da *Ática* e li-lhe aquilo:— «*Ó sino da minha aldeia, dolente na tarde calma | cada tua badalada | soa dentro da minha alma. | E é tão triste o teu bater | tão como triste da vida | que já a primeira pancada | tem o som de repetida*». Vi o seu rosto transfigurar-se; bateu com a mão na mesa de frente e, afirmativo: ... «Isso não é do Pessoa, isso é do Correia de Oliveira.» — «Querias?, disse eu baixinho!» Abri-lhe mais o livro da *Ática* e ele tomou-o nas mãos, leu, embaçado, e disse:— «Ó diabo! Mas então... já é ser azelha! nunca eu esperaria!» e reentregou-me o livro. — «Vê-se que o meu Amigo tem dedo para convertedor!» — Não, quem o converte é a grande poesia do Fernando Pessoa! E bati na tecla! Já disse que eu na altura era um moço de mui verdes anos. Pois levou a bem tudo quanto lhe disse e adiantou-se a dizer que nas suas críticas, porque não andava com paninhos quentes, às vezes derrapava!

Guardo de todas as visitas que lhe fiz uma impressão indelével de bondade carinhosa. Timbrava sempre em me acompanhar descendo as escadas. Ao fundo virava-se para a sua biblioteca e, num riso bom dizia-me:— «Olhe que ali se têm forjado algumas das mais valentes «taponas» que se têm dado em Portugal!»

Escreveu-me de Lisboa uma carta, uns dias depois de me despedir dele. Recebia-a no dia da sua morte! Pedia-me nela que lhe conseguisse, de Roma, o livro—*Petitiones circa Assumptionem*, ou seja o livro em que se estamparam as petições dos bispos acerca da proclamação do dogma de Assunção de Nossa Senhora. Essa carta com sua letra artística e fortemente vincada ficou incinerada

no braseiro que resultou do incêndio do Seminário da Costa em Guimarães, incêndio que me ia reduzindo também a mim a torresmo...

Na altura da sua morte, era director da Torre do Tombo. Ainda hoje a sua memória (diz-mo quem lá trabalha!) lá é evocada com estima e respeito. Porquê? Por ter sido um grande investigador? —Sim, também por isso. Mas sobretudo porque era simpaticíssimo aos seus funcionários, ocupando-se deles, perguntando pelas circunstâncias em que viviam e trabalhavam, pelas dificuldades pessoais e velando em tudo pelo seu bem-estar. De facto quem a ele recorria era certo achar valimento e solicitude. Chegou-me a dizer que gastava, às vezes, uma manhã inteira à busca de um documento porque um desconhecido lhe rogara uma informação. Quando me falava do Padre franciscano Leonardo de Castro vinham-lhe as lágrimas aos olhos. E um dia, na Madre de Deus, trouxe-me um livro grande para eu estampar o meu nome! Bisonho como era nessa data, e talvez hoje também, cometi a gafe de me escusar por indigno. Mas ele obrigou-me:— «É o livro dos meus Amigos! Gosto de os reunir.»

Que ele me tenha inscrito no seu livro lisonjeia-me. Eu já tinha visto o seu nome em muitos livros de vasta nomeada literária e acabei por escrevê-lo no livro dos Amigos com tinta indelével e ainda o guardo em secreto escaninho, muito embora esse nome ande hoje esquecido nas pracetas arregimentadas da nossa literatura abrilina e cravosa...

João Maia, S. J.